



AVANTE!



Boletim Nacional da RECC - Nº 04 - Março de 2011 - www.redeclassista.blogspot.com

EDUCAÇÃO E CAPITALISMO: CONTRADIÇÕES E DETERMINAÇÕES DA EDUCAÇÃO NUMA SOCIEDADE DIVIDIDA EM CLASSES

A educação deve ser entendida, em nossa sociedade, como uma atividade determinada pelas relações capitalistas nas quais nos inserimos, relações essas situadas dentro da lógica da luta de classes. O sistema de ensino, as políticas educacionais e as funções das escolas e universidades acompanham as necessidades de acumulação de capital e refletem as especificidades do capitalismo local, da divisão internacional e social do trabalho e da conjuntura política. Sendo assim, para compreendermos a educação e para qual classe está servindo, devemos nos perguntar como esta se encaixa no modelo capitalista no qual vivemos.

A educação, exercida através do Estado capitalista e das grandes empresas do setor educacional, é uma educação classista: provindo das classes dominantes, ela nunca será igual para todos, até porque as condições de vida dos trabalhadores e dos burgueses são opostas. Existindo uma relação de dominação, há interesse de se perpetuar o ensino desigual. De maneira geral, a educação no capitalismo exerce uma função material (gerar mão-de-obra para o mercado de trabalho, desde os trabalhadores manuais até os grandes quadros do sistema) e ideológica (penetrar valores burgueses e legitimar as desigualdades de classe). Então, longe de ser a solução de todos os problemas, como proclamam os educacionistas e muitos reformistas, a educação no capitalismo não exclui as diferenças de classe, muito menos dá oportunidades iguais para todos, argumento máximo para aqueles que defendem a meritocracia materializada nos vestibulares e exames que excluem os filhos do povo. Assim, a educação dada para a classe trabalhadora é muito inferior à educação a que os filhos de famílias ricas têm acesso, assim como a educação dos países da periferia difere dos países do centro.

Porém, apesar da educação no modelo capitalista de produção, servir às classes dominantes, material e ideologicamente, a classe trabalhadora não deve desistir de lutar por um ensino de melhor

qualidade, pelo direito e acesso universal a todos os níveis de ensino, pelo saber científico etc. A tarefa dos estudantes proletários é a de resistir ativamente às tentativas do Estado e dos empresários de precarizarem ainda mais a educação desigual que temos acesso e de resistir ao uso da educação a serviço da exploração/dominação e reprodução do capital, sendo esta uma luta por melhores condições de vida que se manifesta dentro da luta de classes. Mas essa luta só será consequente se estiver ligada a um projeto de classe e de sociedade onde seja possível uma nova e realmente igualitária educação, uma nova escola e universidade, que ultrapasse os limites impostos pela propriedade privada e a divisão entre o trabalho intelectual e manual. A educação, assim, tem um importante papel na luta de classes e pode ser um instrumento usado na luta econômica e política e na conscientização da classe.

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO

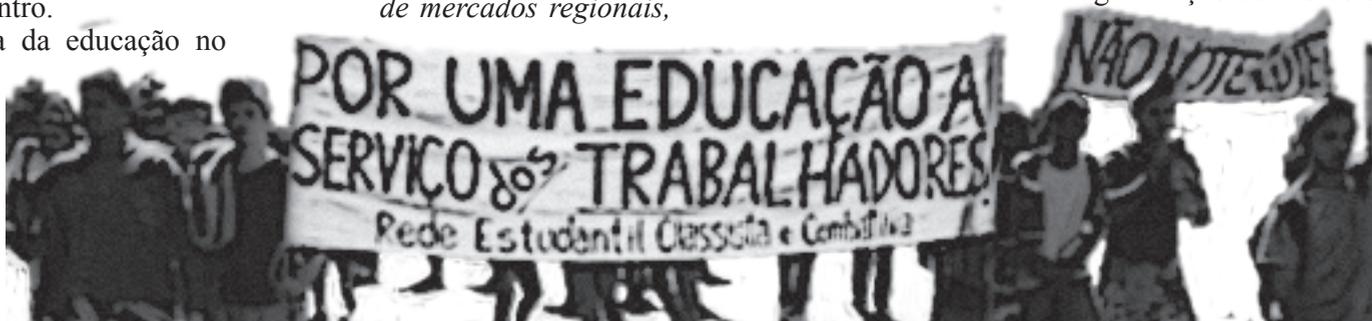
A atual educação oficial, através do ensino escolar obrigatório e supostamente “universal” cumpre importantes funções para o atual estágio do capitalismo no mundo todo. A propagandeada “democratização” do ensino nas últimas décadas por governos de vários países, dentre eles o Brasil, a partir de suas famigeradas reformas educacionais, se mostra um verdadeiro engodo na prática, pois, na realidade, é sinônimo de precarização para a maioria e vem apenas se adaptar à era neoliberal onde a educação é um campo de muito interesse para o capital. Essa investida dos Estados na educação esconde os interesses das classes dominantes por trás, como a pesquisadora Maria Cecília M. de Moraes (2001) comenta [1]: “*Documentos de organismos multilaterais, como o Banco Mundial, UNESCO, CEPAL, de mercados regionais,*

como o MERCOSUL e a União Européia, ou os de governos nacionais, são unânimes em assegurar a centralidade da educação [...] nas atuais circunstâncias econômicas e políticas. Com mais ou menos transparência duas razões justificam tal centralidade. Em primeiro lugar, porque a educação, ela própria, tornou-se mercadoria mediante a introdução de mecanismos de mercado no financiamento e gerenciamento das práticas educacionais. Um produto a mais entre os muitos a serem consumidos. Em segundo, porque a ela é atribuída a função de formar a força de trabalho com as “competências” necessárias para atender ao mercado”.

Essas reformas, que seguem as cartilhas formuladas por esses organismos, vêm no sentido de transformar a educação em um setor muito lucrativo, diluindo as barreiras entre o público e o privado e fazendo da educação, da pesquisa e produção de conhecimento e tecnologia, muito mais mercadorias do que direitos e retornáveis para a maioria do povo. Essa suposta “inclusão” das massas populares se mostra uma forte exclusão dentro do próprio sistema escolar dito democrático, já que, fora as desigualdades existentes em seu seio, prepara as multidões que serão exploradas futuramente, ou que aumentarão as taxas de sub e desemprego, e que, já na própria escola ou universidade, através de estágios, empresas juniores, projetos e pesquisas etc. serve a interesses privados de empresas parasitas e patenteadoras.

Em suma, o desejo do capital, que é atendido docilmente por governos de “esquerda” e de direita, é a diminuição dos gastos públicos com a educação para alcançar a “eficiência/eficácia”; a utilização de novos métodos de ensino de massa de baixo custo, como a educação a distância; um pragmatismo e produtivismo que se mostram na tecnificação e fragmentação do ensino e alterações curriculares;

a abertura do campo educacional para as grandes empresas pela privatização e PPP's (parcerias público-privada); e uma maior elitização do ensino de qualidade ao mesmo tempo em que



crescem os novos escolões de formação de mão-de-obra barata e flexibilizada.

RESISTÊNCIA CLASSISTA À OFENSIVA NEOLIBERAL!

As atuais reformas educacionais neoliberais que se aprofundam em vários países somam-se com os ataques à classe trabalhadora nesse período de crise, o que se reflete na resistência conjunta entre estudantes e trabalhadores em greves gerais, manifestações e união e solidariedade classista. As re-

beliões e levantes estudantis na Argentina, Itália e Inglaterra, assim como nas rebeliões populares na Grécia, França, com forte peso estudantil secundarista e universitário, demonstram que a única forma de lutar contra a ofensiva neoliberal que se materializa na precarização e privatização do ensino é unir-se à classe trabalhadora do campo e da cidade, de maneira independente e combativa, opondo-se à fragmentação e desorganização, para frear os ataques do capital e buscar uma educação de qualidade para a maioria esmagadora do povo trabalhador, por uma educação que sirva ao povo, e não aos pa-

trões.

Por isso uma posição classista do movimento estudantil é fundamental para a vitória conjunta! Sem ilusões nas vias eleitorais e parlamentares, nem nos partidos reformistas e nas burocracias sindicais/estudantis, mas sim na luta e organização direta do povo nas praças e nas ruas! ■

Nota:

[1] Texto 'Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação', publicado na Revista Portuguesa em Educação, vol. 14, n. 1. 2001.

POR UMA EDUCAÇÃO QUE SIRVA AO POVO! QUE A CLASSE TRABALHADORA TENHA ACESSO À CIÊNCIA E À TÉCNICA! FORA AS REFORMAS NEOLIBERAIS QUE AMEAÇAM O DIREITO À EDUCAÇÃO!

CONJUNTURA EUROPEIA

VIVA A LUTA DOS ESTUDANTES E TRABALHADORES DA EUROPA!

Durante o ano de 2010, em especial seus últimos meses, diversos países da Europa foram alvos de milhares de protestos violentos envolvendo as massas estudantis e proletárias. Países como Grécia, França, Itália e Inglaterra se transformaram em verdadeiros campos de batalha, onde as diversas frações da classe trabalhadora (professores, operários, desempregados, estudantes, ferroviários etc) desenvolveram a unidade dos oprimidos contra os patrões e o Estado.

Em meio a crise econômica mundial, as lutas levadas a cabo eram impulsionadas pela resistência aos programas neoliberais (planos de austeridade, planos privatizantes da educação etc) impostos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pela União Européia (EU). Através das lutas que levaram as massas para as ruas, se abriu as portas para o rompimento com métodos pacifistas da “esquerda” parlamentar e sindicatos pelegos (traidores), com a opção pela ação direta combativa como alternativa para resistir aos ataques dos capitalistas. Veja algumas destas lutas:

GREVES GERAIS NA GRÉCIA:

As maiores medidas de austeridade desde a 2ª Guerra Mundial foram aplicadas pelo Governo Grego do PSOK (Movimento Socialista Pan-Helênico): Cortes salariais de até 20% a todos os servidores públicos; congelamento salarial de 3 anos; aumento da idade de aposentadoria; abolição do 13º; privatizações da água, portos, correios; etc. Respondendo a isso, trabalhadores e estudantes gregos, protagonizaram uma heróica batalha durante todo o ano. No dia 15 de dezembro ocorreu a 7ª Greve Geral que mobilizou só em Atenas cerca de 200 mil pessoas que paralisaram os transportes, bancos, sistema de limpeza, setor de comunicação, e ocupação de universidades por estudantes.

CONFRONTOS EM LONDRES:

Em Londres se levantou uma rebelião de conteúdo estudantil-proletário ante ao anúncio de ataques neoliberais a educação. Redução dos subsídios atribuídos aos estudantes pobres para transporte e alimentação; corte de 20% de verba pública para a edu-



Inglaterra - estudantes se enfrentam com policiais em frente a sede do Partido Conservador

cação; aumento da idade de aposentadoria assim como o aumento que triplica o preço das mensalidades, são parte do plano de austeridade para o Reino Unido. Durante novembro e dezembro, ocupações de universidades e manifestações que chegaram a reunir cerca 50 mil estudantes no centro de Londres, os estudantes romperam com os métodos pacifistas, entrando em confronto com as forças repressivas, invadindo e destruindo a sede do partido conservador, com manifestações que apontaram o caminho para a vitória: o protagonismo das massas.

LUTA POPULAR NA FRANÇA:

Na França, os estudantes se uniram nas lutas contra os planos de reforma da previdência que aumentam a idade de aposentadoria de 60 para 62 anos. As greves e manifestações foram marcadas pelas diversas frações da classe trabalhadora chegando a reunir em toda a França (na greve geral do dia 19 de outubro) cerca de 3,5 milhões de manifestantes. Durante o mês de outubro, foram presas mais de 2.000 pessoas, sendo grande parte dos presos menores de idade. Durante o mês de outubro, a União Nacional de Estudantes Secundaristas (UNL) afirmou terem 1,2 mil escolas bloqueadas e em luta.

ESTUDANTES ITALIANOS

TAMBÉM SAEM ÀS RUAS:

A Itália também foi marcada por fortes protestos estudantis contra cortes das verbas para a educação e contra a entrada de entidades privadas nos conselhos universitários. Cerca de 100 mil estudantes tomaram as ruas de Roma no dia 14/12, os estudantes tentaram ocupar a sede do Senado entrando em confronto com as forças policiais, resultando em cerca de 90 feridos (40 manifestantes e 50 policiais).



Itália - estudantes organizados em manifestação de rua após anúncio de cortes na educação

Neste momento em que Dilma/PT anuncia cortes na educação e novas reformas neoliberais, sigamos o exemplo dos estudantes europeus! ■

AVANTE A LUTA DO PROLETARIADO EM TODO O MUNDO! SOMOS FILHOS DA CLASSE TRABALHADORA E AO SEU LADO LUTAREMOS!

DEFENDER CONDIÇÕES PARA O ESTUDO DO TRABALHADOR, LUTAR CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DO ENSINO!

É importante alertar a todos os estudantes da Universidade Federal Fluminense, principalmente aqueles que acabaram de ingressar na Universidade, sobre alguns problemas que enfrentarão e a necessidade de combatê-los, assim como seus causadores.

Após ultrapassar a injusta barreira do Vestibular/ENEM, os estudantes sentirão na pele a realidade de um processo de elitização da educação, onde poucos trabalhadores estudantes permanecem na universidade, ou então levam seus estudos na marra, já que a assistência estudantil é precária. Não se engane com o canteiro de obras que encontra nos campus, pois a estrutura da UFF deixa a desejar, com a biblioteca perdendo grande parte de seu acervo, pois os condicionadores de ar já não funcionam plenamente há anos, o bandeirão também está com sua capacidade bem abaixo do que poderia ser, além de em alguns campus nem sequer funcionar, a creche está longe de poder atender todas as mães estudantes que necessitam deste suporte. Quem

depende das bolsas sofrerá com o atraso nos pagamentos e quem mora longe não poderá contar com uma Moradia Universitária, já que mesmo tendo sido aprovada no burocrático Conselho Universitário há mais de 7 anos e por mais de uma vez, ainda não foi construída - mesmo após os estudantes verem-se obrigados a se manifestar e até mesmo ocupar a reitoria para tentar garantir este direito. Todos esses problemas demonstram que não podemos depositar confiança nenhuma na Reitoria ou nas negociações traidoras dos burocratas estudantis, que não levam a nenhum benefício aos trabalhadores e estudantes pobres. Só a ação direta garante a luta sem desistência pelas nossas demandas.

Esses problemas são o reflexo do sucateamento da universidade pública para privilegiar a iniciativa privada, seja por meio de cursos pagos - geridos ou apoiados por fundações privadas como a FEC - ou outras parcerias público privadas (PPPs), seja por meio da implementação do REUNI - que

NEM ENEM, NEM VESTIBULAR: LIVRE ACESSO JÁ! ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E MORADIA UNIVERSITÁRIA JÁ!

AUMENTO PARA PARLAMENTARES, APERTO PARA O POVO BRASILEIRO

Em 15 de dezembro os parlamentares aprovaram no Congresso um aumento salarial absurdo para si mesmos e demais chefes de Estado, a toque de caixa: 62% para parlamentares, 133% para presidente e vice e 150% para ministros. Assim, seus salários foram todos igualados em torno de 27 MIL. Deve-se acrescentar a esta conta os mil e um auxílios e mordomias (jurídicas e econômicas) que esta elite política já recebe. Vale dizer que todos os partidos votaram a favor do aumento, entre eles PT, PV, PDT, PMDB, PCdoB, DEM, PSDB, inclusive o PSOL, com a diferença deste ter sugerido aumento de “apenas” 20% - como se os 15 MIL de salário anterior já não bastassem!

Em clara contradição com a vida do povo brasileiro, vimos ainda ser votado por esta mesma elite um pífio aumento no salário mínimo em torno dos 6%, o que não cobre sequer a alta do preço dos alimentos. E não foi por falta de dinheiro. De acordo com o orçamento deste ano, a presidente Dilma/PT-PMDB reservou R\$ 670 BI para o refinanciamento da dívida pública (novas dívidas feitas pelo Estado para pagar as anteriores). Como se não bastasse, sobrou também para os estudantes pagarem esta conta. Dos R\$ 50 BI que foram cortados do orçamento,

R\$ 3,1 BI será retirado da educação, precarizando ainda mais as condições das nossas escolas e universidades! Ou seja, enquanto parlamentares fazem a festa à nossas custas e o governo Dilma mantém a sangria do dinheiro público pagando às instituições financeiras imperialistas e aos especuladores internacionais a dívida, os trabalhadores e estudantes são agraciados com migalhas, cortes, retirada de direitos e repressão! Nossa única saída é a Luta!



Brasília - 1º de fevereiro: Ato contra o aumento dos parlamentares. Veja mais fotos no site da RECC



REUNI: duplicação de estudantes sem aumento de professores nem investimento na infraestrutura

leva a total mercantilização da educação, com o fim do tripé ensino, pesquisa e extensão - ou do ProUni, que investe dinheiro público nas faculdades privadas para salva-las.

Isso só interessa ao mercado capitalista, onde a educação é feita para servir a uma classe privilegiada e não aos trabalhadores. Temos que combater o processo de mercantilização da educação implementado pelo Governo Federal/MEC. Defender com unhas e dentes a educação a serviço do proletariado, pois só assim o povo poderá acessar o que é seu direito. ■

A OCUPAÇÃO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

Indignados com esta situação, um grupo de cerca de 200 estudantes e trabalhadores, que já havia realizado três atos anteriores, efetivaram a ocupação do hall de entrada do Ministério do Trabalho no dia 1º de fevereiro, fazendo o ministro receber e escutar a leitura da carta de reivindicações. As exigências eram: 1) a revogação imediata do aumento dos parlamentares, 2) o aumento para 10% do PIB destinado à educação (hoje não passa dos 4%!) e 3) o aumento do salário mínimo para 62%, o mesmo que a elite política recebeu.

Esta brava ocupação aponta o método correto de luta a seguirmos: a ação direta combativa. A RECC, que esteve presente desde o início destas mobilizações, alerta, no entanto, que para uma luta se tornar frutífera, ela deverá romper com o espontaneísmo, que reduz as sinceras iniciativas em eventos efêmeros. Neste caso do aumento dos parlamentares, deve-se também romper programaticamente com as medidas que buscam exigir “ética” na política, como se fosse possível moralizar o Estado capitalista. Assim, fazemos um chamado aos estudantes que percebem que a luta contra o aumento dos parlamentares é apenas um evento numa longa cadeia de lutas e que, para fazer face às exigências históricas de nossa classe, é necessário construir organizações duradouras capazes de conduzir nossas lutas: junte-se e lute com a RECC! ■

SALÁRIO PARA O POVO E NÃO PARA PARLAMENTARES! AVANTE A LUTA COMBATIVA!

NASCE O

COLETIVO ESTUDANTIL

Pedagogia em LUTA



O coletivo estudantil *Pedagogia em Luta* se organiza em contraposição à lógica da maioria do movimento estudantil atual: Combatendo as políticas educacionais que precarizam cada vez mais os estudantes e os trabalhadores, em uma perspectiva classista que enxerga a centralidade do trabalho nos processos educativos. O “Pedagogia em Luta”, coletivo de pretensão nacional, atualmente se organiza na UNB e UFC, realizando atividades de formação e preocupando-se com o estudo de teorias importantes à nossa luta.

A luta por uma creche na Faculdade de Educação da UFC, por exemplo, se articula a partir das necessidades reais da FACED, com um curso majorita-

riamente feminino, as estudantes passam por triplas jornadas, o que compromete que as mesmas possam concluir seus cursos com bons aproveitamentos. A luta por uma creche atende não somente as demandas da assistência estudantil feminina, mas seria importante para o aumento significativo de bolsas, beneficiando os estudantes que precisam passar por estágios precarizados, onde cumprem funções múltiplas e que em nada favorecem à práxis, a união da teoria vista na universidade com a prática do ofício escolhido. O coletivo *Pedagogia em Luta* entende que a luta pela creche deve ser uma realidade em todos os cursos de pedagogia. O combate a precarização dos estudantes, bem como a participação mais ativa dos servidores e terceirizados nos espaços da universidade a partir de diálogos e estudos junto aos estudantes, também é uma defesa do coletivo pela unidade entre trabalhadores e estudantes, fortalecendo as lutas e deixando para trás o caráter cupulista que estas vêm assumindo. ■

Pela unidade entre estudantes e trabalhadores!

Por uma Pedagogia que rejeite as políticas educacionais reformistas!

CONSTRUIR UM COLETIVO FEMINISTA DA RECC

O mito da libertação da mulher é sustentado pela sociedade burguesa a todo momento: retratam a “conquista” do mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, sua importância para a sólida construção da família. Analisamos que da forma como é constituída hoje, a família se torna, para a mulher, uma segunda jornada de trabalho, que, além de não remunerada, não é reconhecida. Da mesma forma, a “conquista” do mercado de trabalho nada mais é do que a vitória do capitalismo, que tem mais mão-de-obra (ainda mais barata) para explorar. Até mesmo a revolução sexual da mulher significou ter seu corpo posto como objeto comprável e continuar sendo vista como passiva e dominável.

Derrubando esse mito, o que precisamos enxergar é a necessidade de nós mulheres (1) lutarmos pelo fim da desigualdade de gênero e (2) pela libertação da classe trabalhadora. Sem a primeira luta, a segunda fica incompleta, pois sofremos opressão também dentro da classe. Por outro lado, desvinculada da luta pela emancipação da classe trabalhadora, a luta pelo fim

da desigualdade de gênero manterá o sistema capitalista (não apenas com o homem, mas também com a mulher oprimindo e explorando nossa classe). Sendo assim, essas duas lutas devem ser indissociadas e garantir esse programa é um dever das mulheres classistas!

Percebendo a necessidade de discussões e lutas feministas classistas, nós, mulheres da RECC, formamos o *Coletivo Feminista Classista Libertárias* da RECC, que tem como objetivo agremiar mulheres engajadas no movimento estudantil, sindical e popular, que vejam a luta de gênero como vinculada à luta de classes. Propomos-nos a dar prosseguimento à luta das mulheres que batalharam por um mundo onde houvesse liberdade, construindo pela base, nos locais de estudo, trabalho e moradia, espaços de discussão e luta feminista proletária. Convocamos, então, todas as mulheres classistas a construir conosco *Coletivo Feminista Classista Libertárias!* ■



Pela Emancipação das Mulheres Proletárias!

Por condições dignas de estudo para a mulher trabalhadora!

COLETIVOLIBERTARIAS@GMAIL.COM

WWW.REDECLASSISTA.BLOGSPOT.COM

REORGANIZAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA DE LUTA NO DF

No ano de 2010, no Centro de Ensino Médio 01 de sobradinho (Brasília), foi consolidada a *Oposição Classista Estudantil e Independente (CEI)* à “Eleto Chapa”, gestão que assumiu o grêmio do colégio. A marca desta gestão foi seu completo imobilismo diante dos problemas da escola, sua desorganização, seu conchavo com a direção do colégio e, por parte de alguns membros, suas concepções eleitoreiras e sua ideologia de conciliação com a exploração capitalista.

Enquanto as condições de estudo no colégio não estão boas, o grêmio desviava suas atenções para organizar festa e formatura de fim de ano. A privatização da copiadora é um exemplo, que faz com os estudantes tenham que pagar de seu próprio bolso o custo dos materiais de estudo obrigatório que em tese deveria ser repassados pelo Estado. Contraditoriamente, enquanto se alega não haver dinheiro para apostilas de estudo - inclusive tendo o colégio que

recorrer a contribuições periódicas dos pais (um duplo pagamento, uma vez que já pagamos impostos para manter a escola pública!) -, há dinheiro para instalar e manter câmeras por todo o colégio. A reforma da cantina neste início de ano que não anda um milímetro e deixa os estudantes sem direito ao lanche escolar, é outro exemplo. Sem contar a política quantitativa de aceleração dos estudantes em defasagem de idade-série da Secretaria de Educação/Agnelo para criar meras estatísticas, já que não oferece nenhuma qualidade de ensino a estes estudantes.

Neste ano de 2011, a *Oposição CEI* e a *RECC* pretendem aumentar sua organização no CEM 01 e trabalhar na politização dos estudantes discutindo as causas e as soluções dos problemas da educação brasileira. Pretendemos nos organizar para lutar e defender a educação pública! Convocamos todos os estudantes secundaristas, de Brasília e do Brasil inteiro, a somarem forças junto a *RECC* para travarmos as batalhas necessárias pelos nossos direitos mais elementares, e por uma educação a serviço das causas do povo.

Unidos somos muitos! Organizados somos fortes! ■

Não se conformar, LUTAR! Avante secundaristas! Nem um passo atrás!

Constroem a REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA: *Oposição Combativa Classista Independente ao DCE da UnB - DF; Coletivo Luta Sociais! (UnB - DF); Coletivo Território Livre (UnB - DF); Coletivo Pedagogia em Luta (UnB - DF); Oposição Combativa Estudantil Independente ao Grêmio do CEM 01 de Sobradinho - DF; Libertárias - Coletivo Feminista Classista (DF); Estudantes do CEAN - DF; Coletivo Serviço Social em Luta (UFF - RJ); Coletivo Lutas Sociais (UFF - RJ); Oposição Classista e Combativa ao DCE da UFC - CE; Coletivo Pedagogia em Luta (UFC - CE).*